

Edição Especial Brasil de Fato RS

UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO



Foto: Edcleide Rocha

'PÔE A SEMENTE NA TERRA, NÃO SERÁ EM VÃO'

Em tempo de Romaria da Terra, organizações religiosas e movimentos sociais e populares ligados a Missão Sementes de Solidariedade anunciam a mudança do caráter temporário de sua mobilização para o status de 'permanente'. A partir da solidariedade aos agricultores e agricultoras familiares e camponeses atingidos pelas enchentes, a velha canção de José Acácio Santana entoada pelos romeiros é ressignificada: 'Põe a semente na terra, não será em vão. Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão'.

PÁGINAS 4 A 7



UMA ROMARIA DA TERRA, DAS ÁGUAS E DAS GENTES

Evento reúne multidão em Arroio do Meio para refletir a crise climática e desafiar novas posturas em relação aos cuidados com a 'Casa Comum'

PÁGINA 3

R\$ 1,3 MILHÃO EM DOAÇÕES

Missão Sementes de Solidariedade apresenta balanço de doações recebidas e ações realizadas

PÁGINAS 4 E 5



CHARGE | Santiago**EDITORIAL****Caminhar e esperar**

► O Brasil de Fato tem sido testemunha ocular de muitas caminhadas. Seja de romeiros e romeiras da Terra, seja de militantes da Missão Sementes de Solidariedade. Seja de tantos e tantas outras que se colocam a caminho por uma causa. Cada trajeto, uma notícia. Cada causa, uma luta.

Fomos chamados a produzir uma edição temática para este momento. Informando a mudança de status da Missão Sementes de Solidariedade, que passou de “emergencial” para “permanente”. Bela coincidência, a Romaria da Terra teve sua 47ª edição confirmada justamente no coração dos territórios atingidos, Arroio do Meio, no Vale do Taquari.

Não é fácil colocar-se a caminho neste tempo de tantas contradições, onde ainda se encontram livres tantos monstros simbólicos que insistem devorar nossos sonhos, subjetividades e utopias. Assim como os militantes das sementes e os romeiros da terra se vestem de causa e se fortalecem de utopia, o BdF soma suas palavras e suas imagens nesta luta.

A narrativa também é necessária para enfrentar a injustiça. As histórias que contamos através de notícias, reportagens, fotos, áudios e vídeos são hoje instrumento da atualizada luta de classes, mediada em tempos em que a informação precisa enfrentar a fake news e os fatos precisam se sobrepor à pós-verdade.

Esta edição tem a pretensão de ser semente e semear. Ser romeiro, caminhar e esperar, com os pés no chão, mente na utopia e coração em comunhão com a vida do povo. Boa leitura, boa luta!

Brasil de Fato

www.brasildefatos.com.br
 ✉ redacaors@bdfestados.com.br
 @BrasildeFatoRS

☎ (51) 98191 7903
 📍 brasildefato.rs

CONSELHO POLÍTICO: Frei Sérgio Górgen, Sarai Brixner, Cedenir Oliveira, Lara Rodrigues, Alexsandro Frey Pereira, Miriam Cabreira, Gerson Borges, Maria Helena de Oliveira, Alexania Rossato, Maria Aparecida Luge, Aline Adolphs, Lucas Monteiro, Mariana Dambroz, Luiz Müller, Marco Aurelio Velleda, Telia Negrão, Walter Aragão, Dulce Miriam Delan, Suzana Cecilia Lauermann, Daniela Peretti, Leonardo Preto, Maristela Piedade, Devanir da Rosa Weber, Vitor Hugo da Silva Xavier, Daniela Tolfo, Vito Giannotti (In Memoriam).

EDIÇÃO: Katia Marko [DRT 7969] | **REDAÇÃO NESTA EDIÇÃO:** Marcos Corbari e Walmaro Paz | **DIAGRAMAÇÃO:** Marcelo Souza
IMPRESSÃO Gazeta do Sul | **TIRAGEM** 30 mil exemplares.

OPINIÃO**Para onde vão os refugiados climáticos?**

GERSON ANTONIO BARBOSA BORGES*

► Nos últimos 12 milênios, a humanidade se relacionou horizontalmente com a natureza para obter suas fontes de existência e reprodução social, possibilitando, de modo geral, o equilíbrio entre a extração e a regeneração dos ecossistemas.

Com o advento da Revolução Industrial e a ascensão do modo capitalista de produção, principalmente a partir do século XVIII, a produção de mercadorias, o consumo e o lucro foram transformados no motor desse sistema, determinando a exploração da vida humana (força de trabalho) e da natureza.

A exploração dos seres humanos resultou em alienação, guerras, miséria e fome. Em relação à exploração e destruição da natureza (derrubada e queima das florestas; uso intensivo de adubos químicos e agrotóxicos; poluição causada por meios de transporte, indústrias e fábricas), houve a emissão de grandes quantidades de Gases de Efeito Estufa (GEE).

O excesso de GEE tem provocado o aquecimento do planeta Terra, resultando em alterações na temperatura média e no clima. Essa condição tem causado o derretimento das geleiras (nos polos Norte e Sul), o aquecimento, a elevação e a acidificação dos oceanos, secas

“ NOS TERRITÓRIOS ACOMPANHADOS

PELA MISSÃO SEMENTES DE SOLIDARIEDADE, OBSERVAM-SE, ENTRE DIVERSOS FATORES, A SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS CLIMÁTICOS: FAMÍLIAS QUE PERDERAM SEU TERRITÓRIO DE VIDA E REPRODUÇÃO SOCIAL DEVIDO ÀS INUNDAÇÕES E DESLIZAMENTOS.

prolongadas, temperaturas elevadas por longos períodos, frio extremo, chuvas intensas, enchentes, deslizamentos, entre outros desastres. Essa nova realidade se expressa na crise ambiental e climática, sinalizando um possível colapso socioambiental.

A humanidade, especialmente os mais pobres, em todos os continentes, junto com a natureza, está sofrendo com esses impactos. Nos vales dos rios Pardo e Taquari, no Rio Grande do Sul, após as enchentes de 2023/2024, milhares de famílias foram afetadas, resultando na perda de familiares, animais, produção, casas e galpões.

Nos territórios acompanhados pela Missão Sementes de Solidariedade, observam-se, entre diversos fatores, a situação dos refugiados climáticos: famílias que perderam seu território de vida e reprodução social devido às inundações e deslizamentos.

Emanuel, um dos atingidos, recorda: "Perdemos animais, produção e, o mais sagrado, nosso território de vida! O rio que antes era amigo agora não é mais confiável; ele tomou parte da nossa terra e da nossa vida... Agora, não temos mais onde morar e produzir alimentos."

Nas atividades da Missão, foram encontrados muitos "Emanuéis", desterritorializados, refugiados climáticos. Entre os relatos, frases como "perdemos nossa casa; perdemos nossos animais; perdemos nossa terra; perdemos nosso território; não temos mais onde morar" foram constantes. No entanto, uma fala esteve sempre presente: "Perdemos tudo isso, mas não perdemos a fé e a esperança".

Como a semente que brota, a vontade coletiva e organizada é de se reerguer, cuidando da vida, das pessoas e do planeta.

** Mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe e doutorando em Geografia*

IGREJA EM SAÍDA**47ª Romaria da Terra no Vale do Taquari relembra desastres climáticos do RS**

Romeiros e romeiras vêm de todas as regiões do estado e até de fora dele, para firmar um compromisso de fé na cruz e na luta

WALMARO PAZ

► Com o tema “Reconstruir e Cuidar da Casa Comum com Fé, Esperança e Solidariedade”, a 47ª Romaria da Terra, no dia 4 de março (feriado de Carnaval), em Arroio do Meio, diocese de Santa Cruz do Sul, está revestida de significados associados às catástrofes socioambientais que atingiram o RS em setembro de 2023 e maio de 2024. O local, encrustado em pleno Vale do Taquari, está entre os mais castigados pelas enchentes, deslizamentos e danos estruturais, tendo tido bairros inteiros destruídos e até o centro da cidade afetado.

Milhares de pessoas devem participar do evento itinerante que há quase 50 anos percorre os territórios onde a luta do povo acontece entremeada com as causas da Mãe Terra, espelhados na própria vida e luta de Sepé Tiarajú, adotado como padroeiro pelos romeiros.

O bispo da diocese de Santa Cruz do Sul, Dom

Itacir Brassiani MSF afirma: “Como o Apóstolo Paulo, cremos que toda a criação, até o momento presente, está gemendo como que em dores de parto e esperando ser adotada e tratada como filha, mãe e irmã. Esta convicção nos compromete profundamente. Como sujeitos dotados de razão e responsabilidade e, mais ainda, como cristãos, não podemos fechar os olhos a tudo o que está acontecendo ao nosso redor, as catástrofes ambientais, as agressões violentas ao meio ambiente, a desumana indiferença diante dos empobrecidos e outros vulneráveis, os generosos movimentos de socorro solidário e de produção sustentável”.

ECOLOGIA INTEGRAL

Andrei Thomaz Oss-Emer, integrante da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), lembra que a Campanha da Fraternidade de 2025 reflete sobre a Ecologia Integral, uma ação enunciada pelo Papa Francisco em sua Carta Encíclica Laudato Si, sobre o cuidado da Casa Comum.

Além disso, este ano completam-se 10 anos da encíclica – publicada em 2015 – e, também os 800



A última Romaria da Terra aconteceu em Ipê e já trazia a reflexão acerca de uma necessária conversão ecológica

anos do Cântico das Criaturas, ou Cântico do Irmão Sol, de São Francisco de Assis, um poema belíssimo que louva a Deus por tudo que ele criou, e que recriamos através de nossas ações. “É fundamentada neste simbolismo que a 47ª Romaria da Terra abraça e assume os desafios da Ecologia Integral em sua caminhada e nas ações que dela decorrem”, afirma.

CAMINHAR COM OS ATINGIDOS E ATINGIDAS

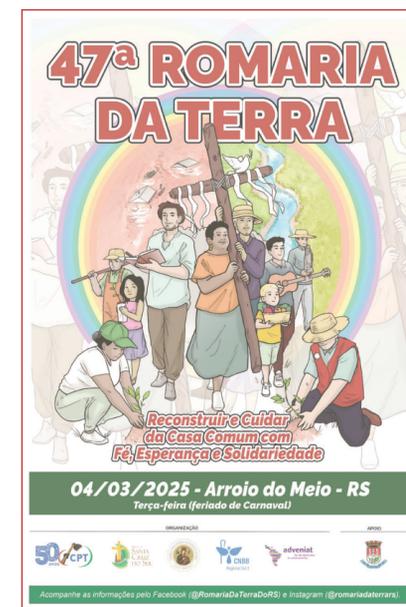
“A Romaria quer abraçar todas as famílias atingidas, fortalecer a fé, a esperança e

a luta por um mundo melhor, confirmar o valor do trabalho em mutirão, da solidariedade, além de apontar coletivamente soluções”, afirma a dirigente da CPT na diocese, Oldi Jantsch. “Tudo isso tendo como horizonte um novo modelo de

desenvolvimento, baseado na Agroecologia e preservação ambiental, no cuidado das pessoas, na justiça socioambiental, inspirado no Projeto do Reino de Deus que é de vida em abundância para todos e todas”, completa.



Foto: Pe. Ailton Antonio

**PROGRAMAÇÃO**

A programação da Romaria inicia com a acolhida às 7h no Seminário Sagrado Coração de Jesus, na entrada da cidade. Haverá uma caminhada pelos bairros ribeirinhos mais atingidos pelos eventos climáticos e culmina com uma celebração na praça central de Arroio do Meio. A informação é de Luiz Antonio Pasinato, da coordenação estadual da CPT. Na caminhada serão lembrados, de alguma forma, os nomes das 283 pessoas mortas durante a tragédia. “Será uma homenagem à memória dessas pessoas e ao mesmo tempo um compromisso de reconstrução sustentável”, diz Pasinato.

Jubileu de 50 anos da CPT

Outro momento especial que começa a ser vivenciado durante a 47ª Romaria da Terra e deve se estender ao longo do ano é o jubileu de 50 anos da CPT. Fundada em 22 de junho de 1975, a Pastoral da Terra sempre procurou ser presença junto com o povo camponês, com os posseiros, sem-terra, peões, ribeirinhos, pescadores, povos tradicionais, atingidos por catástrofes e barragens, jovens e mulheres da roça, entre outros, dando força para seguirem na luta com fé e esperança inspirados no Evangelho de Jesus Cristo.

A grande celebração está prevista para ser realizada entre os dias 21 e 25 de julho de 2025, durante o seu V Congresso Nacional, na cidade de São Luís, Maranhão, marcando a celebração de seus 50 anos de presença, resistência e profecia.



LEIA MAIS
 No BdF online o bispo de Santa Cruz do Sul, Dom Itacir Brassiani, escreve sobre uma “romaria da terra, das águas e de todas as criaturas”.

SOLIDARIEDADE MILITANTE

Missão Sementes de Solidariedade: Quando muita gente pequena se reúne, grandes ações se tornam possíveis de ser realizadas.

Iniciativa que mobilizou organizações e movimentos sociais, populares e organizações religiosas devido às enchentes de 2023 e 2024 terá ações convertidas de 'emergenciais' para 'continuadas'

MARCOS ANTONIO CORBARI

Assim como os efeitos da crise climática vieram para ficar e tendem a ser cada vez mais severos até que de fato a humanidade tenha condições de responder à Casa Comum com conversão ecológica, ações de preservação e recomposição da natureza, as iniciativas de mobilização em socorro às vítimas desses efeitos – os refugiados climáticos – também precisam se dar de forma permanente.

Com esse raciocínio em mente, as organizações e movimentos de matriz social, popular e religiosos que integram a Missão Sementes de Solidariedade anunciam durante a 47ª Romaria da Terra, em Arroio do Meio, a mudança do caráter de suas ações de “emergenciais” para “permanentes”.

Segundo Frei Sérgio Görgen, diretor do Instituto Cultural Padre Josimo (ICPJ), o momento é oportuno para o anúncio, uma vez que a Romaria acontece em um dos territórios atingidos com maior severidade e, ainda, traz em seu tema uma reflexão que vem ao encontro da proposta da Missão Sementes de Solidariedade: “Reconstruir e cuidar da Casa Comum com fé, esperança e solidariedade”.

“A semente como matéria e como

símbolo é a base da vida. A solidariedade é a base da convivência humana. Como as mudanças climáticas vieram para ficar, precisaremos ter muita capacidade de resistência e resiliência. A Missão Sementes da Solidariedade precisará ser um processo social e ambiental permanente”, reflete Görgen.

CRESCER O ALCANCE DAS AÇÕES

A ação coletiva multi institucional que tem atuado nos territórios atingidos junto aos agricultores e agricultoras de matriz familiar e camponesa, através de atividades de solidariedade ativa e organização social, celebra resultados positivos, crescimento do número de aliados e aumento do alinhamento do público beneficiado com as ações propostas.

Outro ponto destacado é o crescente interesse de voluntários e voluntárias que se deslocam de diferentes regiões e até mesmo de outros estados para participar das atividades, firmando disposição de colocar o pé na estrada desde o momento imediato após o recuo das águas e a desobstrução das estradas até as ações mais recentes.

“Através das sementes que com-

partilhamos com as famílias agricultoras, estamos compartilhando também palavras de incentivo para que continuem empreendendo a sua missão pessoal de produzir alimentos. São sementes de esperança, de força e de organização para os desafios que se colocam à nossa frente enquanto classe trabalhadora rural camponesa e familiar”, aponta Gerson Borges, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

O QUE ERA 'EMERGENCIAL' PASSOU A SER 'PERMANENTE'

Para Jacira Ruiz, secretária geral da Cáritas RS, a resposta ao chamado das organizações que compuseram o primeiro coletivo da Missão Sementes de Solidariedade, ainda em setembro de 2023, já indicavam que a ação teria uma jornada além dos objetivos iniciais propostos.

“A campanha Missão Sementes de Solidariedade em resposta às enchentes que atingiram severamente o Vale do Taquari em 2023, iniciou como gesto concreto de aproximação e oferta de sementes e mudas para as famílias de pequenos agricultores retomarem a plantação de alimentos. No entanto, o que começou como uma campanha com início, meio e fim, com os eventos ainda mais severos de 2024 nos indicou a importância de prosseguir de forma permanente contribuindo para que as comunidades se organizem para lutar por condições de vida favoráveis para enfrentar os problemas climáticos e para que o acesso aos direitos de agricultores atingidos pelos desastres se concretizem.”

Na primeira jornada, em 2023, foram oito organizações envolvidas, em torno de 85 pessoas mobilizadas no trabalho voluntário, com pouco mais de R\$ 223 mil arrecadados e 8 toneladas de sementes compartilhadas, entre outros itens. Na ação mais recente, desenvolvida a partir de maio de 2024, o desafio foi maior em todos os sentidos: área de abrangência, número de pessoas atingidas e gravidade.

Mesmo tendo mobilizado 23 organizações, com mais de 200 voluntários e voluntárias contribuindo nos trabalhos, arrecadando mais de



Voluntários e voluntárias que atuaram nos territórios atingidos utilizaram o convento São Boaventura como ponto de partida

R\$ 1,3 milhão e viabilizando a distribuição de mais de 85 toneladas de sementes, entre outros itens, ficou a sensação de que era preciso ter sido feito mais.

“Desse modo a campanha Missão Sementes de Solidariedade está se tornando um movimento mais permanente aglutinando pessoas, organizações, pastorais e movimentos sociais”, aponta Jacira.

LEIA MAIS

No BdF online agentes da CPT e da Cáritas relacionam as motivações comuns na Missão Sementes de Solidariedade e na Romaria da Terra.



Quase 6 mil kits de sementes, mudas e ramas distribuídos



Foto: Alexandre Garcia

Os kits contendo sementes de milho, feijão, arroz e hortaliças, mudas de batata-doce e árvores frutíferas e nativas, ramas de mandioca, pastagens, flores, entre outros itens foram voltados ao reequilíbrio e reconstrução da capacidade de produção de alimentos para subsistência e de existência comunitária das famílias camponesas atingidas.

Ampliação de alianças garante mais atividades



Foto: Marcos Antonio Corbari

Contribuíram de forma decisiva para ampliar o potencial de alcance das ações solidárias da Missão, organizações como a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab); Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA); Instituto Brasil Orgânico (IBO); Sindicatos do Mineiros, Eletricistas e Municípios de Candiota e Região; empresas produtoras de Sementes Di Solo e Aliança; Missionszentrale der Franziskaner (Franciscanos da Alemanha) e Cúria Geral dos Franciscanos e Províncias Franciscanas do Brasil.

SEMENTES DE SOLIDARIEDADE

2023

5 MIL doações recebidas | R\$ 223 MIL em recursos arrecadados

685 famílias atendidas | 65 comunidades | 17 municípios

5,5 toneladas de sementes de milho | 2,5 toneladas de sementes de feijão

1,1 MIL feixes de ramas de mandioca | 3,5 MIL mudas de árvores frutíferas

3 MIL mudas de flores | 10 MIL sachês de sementes de hortaliças

1 MIL unidades de mudas de batata-doce

2024/2025

20 MIL doações recebidas | R\$ 1,3 MILHÃO em recursos arrecadados

5.762 famílias | 286 comunidades atingidas | 81 municípios

79,3 toneladas de sementes de Milho | 16,6 toneladas de sementes de Feijão

37.331 sachês de sementes de Hortaliças | 4,8 toneladas de sementes de Arroz

3.563 feixes de ramas de Mandioca | 33.031 mudas de Árvores Nativas

18.818 mudas de Árvores Frutíferas | 2.953 mudas de Batata-Doce

2010 mudas de pastagens perenes | 200 kg de sementes de pastagens

3.000 mudas de flores | 320 toneladas de adubo orgânico

Ainda foi viabilizada a doação de 1.020 sacas de cimento para a construção de casas e produzidas 11 mil cartilhas de orientação sobre sementes crioulas, plantas medicinais e plantio de árvores.

Mobilização foi decisiva para conquista de programa habitacional



As ações da Missão Sementes de Solidariedade contribuíram de forma decisiva para a conquista de um programa habitacional novo, operado pelo Governo Federal, e que já garantiu a construção de 600 casas para atingidos pelas chuvas de setembro de 2023. O programa Minha Casa Minha Vida – Rural, modalidade Calamidades foi uma conquista conjunta alcançada pelas cooperativas do MPA e da Fetag e teve forte participação dos mobilizadores da Missão Sementes de Solidariedade.

O DESAFIO DA RETOMADA**As sementes de solidariedade brotaram e as primeiras colheitas já estão acontecendo**

Mais do que refazer seus roçados e resgatar a capacidade produtiva, pequenos agricultores estão reconstruindo as próprias vidas

MARCOS ANTONIO CORBARI E RAFA DOTTI

► Passados 9 meses das enchentes e deslizamentos de maio de 2024, ainda é difícil, para os pequenos agricultores de matriz camponesa e familiar, contabilizar suas perdas. Os danos foram muito além das roças e plantações perdidas, das casas alagadas ou levadas pela correnteza, dos maquinários inutilizados pelo tempo que ficaram submersos, das estradas destruídas e pontes caídas, dos galpões, armazéns, silos, estufas, chiqueiros e aviários perdidos.

Há aqueles que perderam infraestrutura e ficaram com dívidas de financiamentos, há os que perderam as referências simbólicas como documentos, lembranças e memórias, há os que tiveram o seu modo de vida e produção destruídos pela força das águas e, o pior cenário de todos, há os que tiveram perdas humanas de familiares e amigos. Há, sim, muitos, que perderam a esperança.



A terra devastada aos poucos vai sendo recuperada, até mesmo nas proximidades do Rio Taquari

Foi com este cenário que os voluntários da Missão Sementes de Solidariedade iniciaram sua caminhada nos territórios atingidos. Recebendo toda variedade de respostas a cada “Óh, de casa!” anunciado ao chegar aonde encontravam as pessoas começando a reconstruir suas vidas. Era preciso plantar alguma coisa e, no primeiro contato, a semente partilhada foi apenas de afeto, escuta, atenção, esperança.

A solidariedade ativa viria cerca de mês e meio depois, aí sim em

formato de mudas de árvores, sementes de milho, feijão, arroz, hortaliças, ramas de mandioca, mudas de batata-doce e flores. Mas será que essa gente que perdeu tan-

to, muitos até que perderam tudo, teve força para refazer seus roçados e suas vidas? A resposta já está sendo colhida, já está indo para o prato e para a feira.



LEIA MAIS
No BdF online você conhece a experiência de resgate de sementes tradicionais e a redescoberta do trabalho coletivo de famílias camponesas em Panambi e Condor.

Brasil de Fato foi até Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Travesseiro para conferir as sementes germinar

No município de Arroio do Meio, comunidade de Ruy Barbosa, o casal Ivo e Lucila Petry já esperava a chegada da reportagem com feijão no ponto para ser debulhado na base da mangüá. O milho-verde, pronto para colheita, estava viçoso, pronto para ir pra feira. O riso fácil do casal de produtores agroecológicos, que há 23

anos se dedicam a produzir alimentos com diversidade e manejo sem utilização de químicos ou venenos, não deixa supor os momentos de sufoco que passaram há pouco meses, quando a água destruiu quase toda a produção e os deixou inclusive por dias sem acesso ao caminho que tradicionalmente tomavam para seguir

até as feiras onde comercializavam.

O feijão e o milho colhidos pelos Petry já são frutos das sementes re- cebidas. “Foi muito importante as sementes, mas muito mais os abraços e as palavras que o pessoal trouxe naqueles momentos mais difíceis”, afirma dona Lucila. A rotina mudou, uma das feiras que fa-

ziam em um município vizinho não puderam fazer mais pela dificuldade de acesso – a ponte caiu – mas seguem firmes. “A semente germina, garante o sustento de hoje e vai garantir o plantio de amanhã”, afirma seu Ivo, lembrando que vão reservar uma parte para também compartilhar com quem precisa.



Ivo Petry estava com o feijão secando, no ponto para debulhar na base da mangüá



Dona Lucila colheu milho-verde para levar para a feira naquela manhã



Os Pereira estão com dificuldades para fazer a terra voltar a produzir, o solo ficou contaminado e as sementes têm dificuldade em germinar

“OS ANIMAIS É O QUE A GENTE SENTE MAIS, ISSO NÃO VAI TER COMO RECUPERAR”

Em Cruzeiro do Sul, na comunidade de São Miguel, dona Rosana Gisch Pereira ainda está com dificuldades. Na propriedade próxima ao rio sobram da enchente só os pés de cana e bananeira, o restante foi arrasado. As sementes e os adubos que estavam reservados para o plantio e os animais – 15 cabeças de gado leiteiro – a enxurrada levou tudo. “Os animais é o que a gente sente mais, isso não vai ter como recuperar.” O medo também bate fundo, impedindo a família de voltar ao local. “Agora aqui vai ser só para plantar, porque para morar a gente tem medo que aconteça de novo.”

Apesar da terra agredida pela lama e areia do rio e pelos resíduos da enxurrada, que impedem a brotação adequada do que é plantado, a agricultora insiste e garante que não vai desistir: “Eu nunca perdi a esperança, tem que olhar pra frente”. Assim como o milho que vai nascendo sofrido no solo repleto de resíduos, mas vai estendendo as folhas e querendo começar a granar as espigas, dona Rosana vai resistindo, insistindo e esperando: “Não sobrou nenhuma rama de mandioca do que a gente tinha aqui, então o que veio da Missão das Sementes foi muito bem-vindo, e eu vou plantar, eu vou insistir”.

“NÓS VAMOS TRABALHAR E CONSTRUIR DE NOVO”

Na mesma comunidade São Miguel, Valmor Schwingel, mostra que da propriedade da família na margem do Rio Taquari restou só a figueira centenária. Casa, animais, lavoura, maquinário foi tudo levado pela água. Mas ele não reclama. “Eu não estava aqui na hora, quem estava era meu irmão, e a água o levou junto. Graças a Deus ele foi encontrado vivo, então eu não reclamo do que a gente perdeu, isso nós vamos trabalhar e construir de novo, o importante foi ele ter sobrevivido”, relata, contando

que alguns conhecidos próximos não tiveram a mesma sorte.

O milho dos irmãos Schwingel, plantado não faz muito, está crescendo viçoso e se a seca não atrapalhar vai render uma boa colheita. E bem no barranco do rio, simbólica, está a horta semeada com farta variedade de itens. “Vem aqui e vamos colher umas verduras, hoje vocês vão levar pra casa uma feira das sementes que me deram pra plantar”, conta feliz, já passando a faca num maço de cheiro-verde e alcançando para a equipe da Comissão Pastoral da Terra que acompanhava a reportagem na visita.

“O QUE HAVIA DE PLANTAÇÃO FOI TUDO DESTRUÍDO”

Na comunidade de Picada Felipe Essig, município de Travesseiro, os agricultores Sérgio Niedd e Claudio Dedes conduziram uma caminhada pela costa de um arroio tranquilo. Difícil imaginar que aquelas águas rasas e calmas trariam tantos danos às roças, estradas, animais e atingiriam até casas no seu curso. O que havia de plantação foi tudo destruído, muita gente relatou que os animais – tanto gado de leite quanto suínos – se perderam. As marcas no asfalto arrancado em alguns pontos, nos pontilhões reformados ou mesmo reconstruídos permitem imaginar a situação difícil vivida nos dias da enchente.

“Essas sementes chegaram em hora muito boa, pra gente recomeçar os plantios, e são sementes de qualidade, crioulas, é uma coisa muito boa que o movimento fez pelos agricultores”, relata Niedd, mostrando o feijão na roça, farto, bonito, quase pronto para a colheita. Já Dedes, foi mostrar o plantio de milho e valorizar a ajuda recebida: “É um recomeço, muita gente perdeu seus animais, suas máquinas, ferramentas e perdeu também as sementes, as árvores frutíferas que a água levou, aí quando as sementes e as mudas chegaram ajudou muita gente a recomeçar”.

O milho de Dedes já tem destino certo, uma parte vai ficar para se-



Schwingel fez questão de plantar a horta nas proximidades da barranca do rio Taquari e já está colhendo alguns itens

mente a ser compartilhada com amigos que também produzem crioulo, a outra vai para o moinho e, mais tarde, retorna como farinha, para fazer pão de milho e comer junto com os netos.

“TUDO O QUE VOCÊ VÊ DE ÁRVORE AQUI FOMOS NÓS QUE PLANTAMOS”

Finalizando a jornada, de volta a Arroio do Meio, agora no Distrito de Forqueta, uma visita para dona Helena Weizennan, que juntamente com o marido e a filha está a frente de um empreendimento de produção agroecológica diversificada de alimentos. “Tudo o que você vê de árvore aqui fomos nós que plantamos”, conta com orgulho, mostrando a unidade produtiva onde os espaços de convívio fartos em sombra, dividem a atenção dos visitantes com as estufas, hortas, pomares e pequenas roças.

“Nós não passamos por situações mais graves como outras pessoas, tivemos muitas perdas por conta do excesso de água, ficamos sem energia por muitos dias, perdemos produtos, mas na verdade tivemos a oportunidade é de ajudar outras pessoas, inclusive de fazer parte das equipes de voluntários da Missão Sementes de Solidariedade”.

Novamente, como na primeira visita realizada, nos Petry, dona Helena também estava com milho verde no ponto de colher e feijão pronto para a mangüá esperando para o registro. “A gente tem que ser resistente, firme, ter esperança sempre, ser assim como é a semente boa, a semente crioula”, confidenciou num sorriso, na hora da despedida.

No retorno para a redação uma certeza: há muito a ser feito. Mas uma espécie de multiplicação já começou a acontecer. A multiplicação que se dá através da partilha da semente. Semear é preciso. Esperançar também.



Helena Weizennan mostra o feijão em ponta de debulha, produção 100% orgânica



Dedes e Niedd caminham pela comunidade, acompanhados do dirigente do MPA, Lari Hoffsteter

FÉ E ESPERANÇA

Báculo do bispo é feito de madeira resgatada da enchente

Cajado foi esculpido a partir da viga de uma capela destruída na paróquia de Arroio do Meio

► O simbolismo do báculo do bispo também foi ressignificado na diocese de Santa Cruz do Sul a partir da chegada do novo bispo, Dom Itacir Brassiani. A peça, que representa o cajado do pastor, foi esculpido a partir da viga de uma capela destruída pela enchente na paróquia de Arroio do Meio.

O objeto deixou de ter apenas o significado de liderança, passou a ser símbolo de fé, resiliência e resistência. “Essa madeira traz consigo a memória de tudo o que aconteceu no Vale do Taquari”, conta o bispo que teve sua nomeação informada pelo Papa Francisco pouco antes do começo das inundações.

“Desde que eu confirmei a minha resposta e começaram as enchentes, eu comecei a me perguntar: meu Deus, o que isto significa para mim e o que essa diocese necessita de mim, com tanta dor e com tanto sofrimento”, contou em publicação da CNBB.

Outro detalhe, não menos significativo, é o anel



Dom Itacir, no dia de sua posse, na Catedral São João Batista, carregando consigo o báculo feito de madeira da enchente

episcopal. Ele não é feito de ouro ou qualquer outro metal nobre. Produzido por amigos artesãos, o anel de Dom Itacir é feito de tu-

cum (palmeira amazônica), popularizado pelas pessoas de fé que fazem a opção de caminhar entre os pequenos, os simples, os pobres e

os marginalizados.

Dom Itacir foi ordenado e tomou posse no dia 29 de setembro como o quinto bispo diocesano de

Santa Cruz do Sul, em meio aos desafios de reconstrução do território onde mais de 40 cidades foram atingidas.

Foto: Arquivo Paróquia Arroio do Meio



A imagem de Aparecida no local onde foi resgatada, na enchente de maio de 2024.

Uma nova história para Aparecida

► Muitos relatos de imagens religiosas que miraculosamente não foram destruídas ou levadas pela força das águas foram contadas desde a primeira grande enchente, em setembro de 2023. Independente da denominação das santinhas e das especificidades das situações, de certo modo relembra sempre a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, resgatada das águas pelos pescadores e acolhida pelo povo como Mãe.

Em Arroio do Meio uma imagem de Nossa Se-

nhora Aparecida já passou por três enchentes e segue firme. Trata-se de uma imagem secundária, pequena, que dividia o espaço do altar na Igreja do Bairro de Nossa Senhora dos Navegantes, destruído pelas enchentes. A santinha, em meio à água, aos escombros e a lama permaneceu em pé.

Essa Aparecida, preta como a imagem original, sem ornamentos impostos pelo império, machucada como o povo simples que lhe rende a verdadeira devoção também o é, vai ca-

minhar junto com osromeiros e romeiras no dia 4 de março, percorrendo o roteiro da Romaria da Terra, inclusive passando pelo seu bairro e outros próximos, onde a destruição e a reconstrução dividem o cenário.

A pequena e singela imagem de Arroio do Meio, assim como tantas e tantas outras, ressignifica a história de Nossa Senhora Aparecida, descida do altar às águas e resgatada das águas às mãos do povo que tanto a conduz quanto é conduzido por Ela.